

Entre Cultura e Educação:

a presença francesa na Corte do Segundo Reinado

Between Culture and Education: The French Presence in the Court during
the Second Reign

Giselle Pereira Nicolau

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do
Programa de Pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira.

giselle.histoire@gmail.com

RESUMO: Ao longo do oitocentos a França exerceu influência sobre o Brasil, servindo de modelo de civilização e refinamento cultural. A presença de franceses no país, em especial, na capital do Império, contribuiu para a criação de escolas, que adotavam métodos educacionais europeus, e demais espaços de aprendizagem da língua e dos costumes franceses. Por meio das fontes consultadas para esta pesquisa, com destaque para os almanaques de 1850 e 1870, os jornais e os registros da Série Instrução Pública do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, foi possível observar a representatividade desses profissionais em áreas como a música, as línguas, o desenho e a dança, em um contexto de crescente interesse das elites da Corte pela formação francófila. Evidenciou-se, contudo, que o ofício exercido pelos professores franceses não se limitou à influência cultural, mas se concretizou em práticas pedagógicas, institucionais e curriculares que favoreceram o desenvolvimento dos meios educacionais na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Professores franceses; Século XIX; Rio de Janeiro.

ABSTRACT: Throughout the nineteenth century, France exerted a significant influence on Brazil, as a model of civilization and cultural refinement. The presence of French nationals in the country, particularly in the capital of the Empire, contributed to the establishment of schools that adopted European educational methods as well as other spaces dedicated to learning the French language and customs. Based on the sources used in this research, especially the almanacs of 1850 and 1870, newspapers, and the records of the *Série Instrução Pública at the General Archive of the City of Rio de Janeiro*, it was possible to observe the representativeness of these professionals in areas such as music, languages, drawing, and dance, within a context of growing interest among the Court's elites in a Francophile education. It was found, however, that the work done by French teachers was not limited to cultural influence, but materialized in pedagogical, institutional, and curricular practices that contributed to the development of educational structures in the city.

KEYWORDS: French teachers; Nineteenth century; Rio de Janeiro

Introdução

Este artigo apresenta o processo de incorporação dos franceses na sociedade carioca dos séculos XIX, tendo como questão central a presença destes imigrantes nos meios educacionais na cidade do Rio de Janeiro. Tal recorte integra a pesquisa de doutorado, defendida na Universidade Federal Fluminense, sobre a imigração francesa, entre os anos de 1850 e 1914, para a capital do Império e, posteriormente, da República. As reflexões se basearam em um *corpus* documental diversificado, o qual permite analisar a atuação destes profissionais nesse campo, seja por meio de iniciativas particulares, algo que se configurou, fundamentalmente, na primeira metade dos Oitocentos; seja através de ação diplomática, a qual promoveu no âmbito cultural um estreitamento das relações entre Brasil e França, a partir da década de 1870.

Dessa maneira, tornou-se indispensável a contextualização da noção de influência cultural francesa, tema que atravessou uma vasta literatura histórica sobre os Oitocentos no Brasil. Com frequência, este assunto é associado às artes, mas também à moda e o refinamento dos costumes no país (Lessa & Suppo, 2008). Ainda assim, é comum observar que, se de um lado o elemento francês aparece nestes trabalhos como baluarte da civilização, por outro, não se apreende efetivamente o todo social em que está inserida a dinâmica imigratória específica deste grupo. No campo da História da Educação não é diferente, uma vez que não se registram esforços sistemáticos sobre imigração, política cultural e atividades educacionais.

Assim, o primeiro passo a ser dado é romper com a ideia de que não há um vínculo entre a influência francesa e o fenômeno imigratório no Brasil. Por mais que, ao longo dos Oitocentos e início dos Novecentos, a França tenha exercido a atração de uma elite que se espelhou no comportamento e atitudes da burguesia europeia, através da importação de bens culturais,

não se deve negligenciar que o afluxo de imigrantes franceses que chegaram no país durante esse período tenha contribuído para a mudança do *habitus*¹ da população brasileira, especialmente da cidade do Rio de Janeiro.

Para este fim, o cruzamento dos exemplares do *Almanak Laemmert*, dos anos de 1850 e 1870, – o qual possibilitou o levantamento do número de anunciantes nacionais e estrangeiros nas seções destinadas à educação –, com os jornais de grande circulação, como o *Diário do Rio de Janeiro*, permitiram a verticalização de informações referentes aos professores franceses na cidade. De igual modo, os registros que compõem a *Série Instrução Pública*, que faz parte do Fundo da Câmara Municipal, encontrado no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, permitiram o contato com os pedidos de licença de educadores de origem francesa.

O ofício de educar nos trópicos: os franceses no Rio de Janeiro no Segundo Reinado

O Rio de Janeiro, durante a segunda metade do século XIX, foi cenário de profundas transformações. A cidade que se beneficiava com o aumento de investimentos em sua estrutura urbana, por conta da liberação de capitais advindos da extinção do tráfico intercontinental de escravos e dos lucros obtidos pela economia cafeeira, atraiu imigrantes europeus para o mercado de trabalho da Corte. Os franceses, grupo que já nas primeiras décadas dos Oitocentos se destacavam no cotidiano da capital do Império, passaram a ter maior visibilidade nos anos de 1850, momento em que novas demandas eram impostas à Corte.

A tendência em destinar espaços para o ensino da língua e cultura francesa remetem ao Primeiro Reinado, quando os imigrantes franceses começaram a se estabelecer na Corte, a exemplo de J.B. Clément, professor diplomado pela Academia de Paris, que chegou ao Rio de Janeiro, em 1825,

para lecionar em casas de família. Em 1828, fundou o Colégio Francês, que “tinha por base de instrução o idioma nacional, o francês e o latim, formando, nos diversos ramos de instrução primária e secundária, alunos que ocupavam honrosas posições na sociedade”.ⁱⁱ

Por essa razão, eram comuns os anúncios dessa instituição, em jornais de grande circulação como o *Diário do Rio de Janeiro*, o qual destacava que, já na 1ª classe, os alunos falavam e escreviam francês com muita facilidade. No *Almanak Laemmert* de 1850, por exemplo, apareceriam dois anúncios vinculados à instituição: um na seção destinada aos *Colégios de meninos* e outro na de *Professores de línguas*, ambos constando de endereço à Rua do Rosário, nº 67.

De acordo com o registro encontrado na *Série Instrução Pública*, J. B. Clément, em 1854, em idade avançada para dirigir o Colégio Francês, decidiu oferecer vagas apenas para o nível primário. Por sua experiência no magistério, propunha aos seus discentes o “Método Simultâneo”, o qual, “acrescentou um sistema de emulação, que tem por fim excitar a atenção e o amor próprio dos estudantes, e de dar conta todas as semanas aos pais de famílias, do comportamento e adiantamento de seus filhos”. Nesse período, a escola funcionava em *sala* “independente e bem arejada, à Rua do Cano, nº 92. Era “frequentada por 35 meninos”, na faixa etária entre 12 e 13 anos, cuja “maior parte são filhos de pais franceses”, que desejavam educá-los no idioma de origem. Porém, “sendo todos naturais do Brasil”, buscava-se conciliar o ensino das línguas portuguesa e francesa, além da formação moral e religiosa. Havia, ainda, cursos especiais de “escrituração das partidas dobradas, pelo método simplificado; da aritmética aplicada ao comércio e banco, câmbios estrangeiros, e caligrafia dos diversos caracteres de letras indispensáveis nos escritórios, inglês, francês e geografia”ⁱⁱⁱ, para jovens que almejavam atuar no setor de comércio e administração.

Existiam, também, professores franceses nos quadros docentes de

instituições dirigidas por outros estrangeiros e nacionais. Tal é o caso de J. L. Alexandre Autret, que, tendo se expatriado da França por razões políticas, chegou ao Brasil em 1850, aos 38 anos de idade, lecionou durante dois anos no Colégio Vitória. Sua experiência como professor de “todos os ramos, como as línguas mortas, as matemáticas e a história” (Diário do Rio de Janeiro, 20/05/1856, p. 1), no Colégio de Pont-Leroy, em Paris, por mais de uma década, conferiram-lhe respeito e confiabilidade no Rio de Janeiro, tornando-se instrutor dos filhos de políticos como o “Visconde de Baependy”, Dr. Valladão, Ottoni, Souto, etc.”, nomes que projetaram sua fama na cidade.^{iv}

Após a permissão concedida aos estrangeiros para admissão como educadores no Colégio Pedro II, o mesmo Autret, buscou cartas de recomendação junto ao governo francês, através da pessoa do ministro radicado no Brasil, M. de L`Isle, a fim encaminhá-lo ao Visconde d`Abrantes, diretor da instituição. De acordo com o memorial para pleitear sua vaga para o colégio, o professor francês possuía vantagens que facilitavam sua inserção ao corpo docente, como a familiaridade com o idioma nacional, além do fato de ter constituído família no Brasil.

Nesse memorial, o professor aponta a necessidade de “um poderoso apoio”, de alguém que demonstrasse interesse em interceder pela causa de Autret junto ao Imperador Dom Pedro II. Nesse mesmo documento, eram ressaltados seus anseios em fazer parte do colégio, menos pelo “interesse do que a honra. Ele considerava que sua atuação como professor particular trazia-lhe “benefícios assaz consideráveis, o que lhe conferia certa paciência em relação ao preenchimento da vaga para essa cadeira em tempo oportuno. “Animado dos melhores sentimentos para corresponder dignamente a confiança do Governo e o Colégio Pedro Segundo”, foram exaltados adjetivos que destacavam sua “experiência, zelo e dedicação por inclinação à educação da mocidade”.

Outro professor, Bernardo Urbano de Bidegorry, por exemplo, que fora

condecorado com três medalhas francesas de ouro e prata de salvação de vidas, era professor-diretor do Ginásio Normal Militar do Arsenal de Guerra e dava aula de ginástica para ambos os sexos nesse estabelecimento, anunciava seu ofício nesse mesmo anuário, em 1850. O professor admitia alunos com deficiências corpóreas e fraquezas em articulações, enfermidades que poderiam ser curadas pela *ginástica ortopédica*, podendo, inclusive, prestar esse serviço em domicílio (Almanak Laemmert, 1850, p. 304). Além destas atividades, Bidegorry requereu junto à Inspetoria Geral de Obras Públicas, nesse mesmo ano, a organização “de uma companhia de bombeiros à moda de Paris” (Diário do Rio de Janeiro, 31/08/1850, p. 1).

Era comum encontrar propagandas de instituições de ensino e/ou de professores de idiomas nos jornais de grande circulação, tal como se observou no *Diário do Rio de Janeiro*, diferentemente de outras especialidades, como pintura, desenho, bordado, ginástica, dança, música e ciências em geral, que apareciam com menos frequência. Por essa razão, o *Almanak Laemmert* fornece um panorama privilegiado dessa profissão, ao abranger as diversas habilidades que eram desempenhadas por nacionais e estrangeiros.

O grupo dos professores que anunciava no *Almanak Laemmert* de 1850 era diversificado, como se evidencia na tabela abaixo:

Tabela 1: Professores no Rio de Janeiro por especialidade em 1850

Categorias	Total de profissionais	Franceses	Percentual de Franceses
Professores de dança	15	6	40%
Professores de desenho, pintura, bordados, etc.	14	4	28%

Professor de ginástica	3	1	33%
Professores de música	44	8	18%
Professor de diversas ciências	13	2	15%
Professor de línguas	35	9	26%
Total	124	30	24%

Fonte: *Almanak Laemmert*, 1850.

A tabela contabilizava um total de 124 profissionais, sendo que 30 destes eram franceses, aproximadamente 24% do total dos professores era desta nacionalidade. Esses números indicam a crescente incorporação desses imigrantes no mercado de trabalho da cidade, lecionando não apenas sua língua materna, mas também outras disciplinas. Ao mesmo tempo em que ocorria o aumento da oferta de mão de obra da categoria de professores, na cidade do Rio de Janeiro, houve uma demanda significativa para o aprendizado da língua e cultura francesas pelas classes mais abastadas.

Os franceses eram representativos no ensino de dança, atingindo a média de 40% do conjunto dos anunciantes dessa área. Concentravam-se especialmente na região do Centro do Rio, em endereços como a Rua do Ouvidor, Rua do Rosário, Beco dos Ferreiros e Rua do Sacramento. E também em freguesias situadas ao sul, a exemplo de Madame Lacombe, que se encontrava à Rua do Catete nº 173, que se anunciava da mesma forma como professora de música, nas especialidades de piano e canto. Quanto a esse domínio, os imigrantes dessa mesma origem, representavam 15% do conjunto de professores na especialidade de Música, que contava, também, com profissionais de origem italiana, como Marziani Bruni, professor de harpa, piano, canto e violão, na Rua de São José, nº 60 (*Almanak Laemmert*, 1850, p. 304).

Ainda, de acordo com *Almanak Laemmert*, no ano de 1850, havia 84 instituições de ensino, que estavam listadas segundo a divisão por gênero. Os anúncios correspondentes aos colégios masculinos totalizam 37, os quais refletiam a preocupação com a formação preparatória para o comércio e para as academias do Império (*Almanak Laemmert*, 1850, p. 243). Já os colégios femininos correspondiam ao número de 47 estabelecimentos, que eram dirigidos por mulheres, com objetivo de instruir as jovens moças em disciplinas como: música, desenho, dança e línguas estrangeiras (*Almanak Laemmert*, 1850, pp. 244-247). Neste mesmo conjunto de escolas listadas pelo anuário, 13 eram francesas, a exemplo do Colégio francês, localizado à Rua São Januário, em São Cristóvão; o Colégio Francês, dirigido por Huet, à Rua da Ajuda, nº 68; o Colégio Francês de J.B. Clément, listado acima, além do Colégio Francês localizado à Rua de São José, nº 47, 1º andar. Havia, ainda, o Colégio Português e Francês, voltado para o público feminino, bem como o Colégio de Mme. Dunant & Genthon, à Praça da Glória, nº 19, que representaram exemplos significativos da presença francesa na Corte, sobretudo pelo fato de serem mais numerosos que os colégios ingleses, que aparecem apenas em 3 anúncios. Tais espaços de aprendizado coexistiam com colégios cujos nomes não eram revelados pela folha, como o que era localizado “na praça da constituição, nº 59” (*Almanak Laemmert*, 1850, p. 247).

Importa destacar que imigrantes que haviam cruzado o Atlântico sem muitos recursos e que não se destinavam aos ofícios manuais ou mesmo intelectuais encontravam na docência a primeira alternativa de trabalho. Para o exercício de tal atividade, no entanto, era necessário submeterem-se ao crivo de uma instância superior, isto é, da direção de Instrução Pública. Para o caso dos franceses, um exemplo significativo foi de Mme. Clémence de la Guichardière, que anexou à sua solicitação duas cartas de recomendação, sendo uma dessas redigida pela Viscondessa de Condeixa, a qual destacava suas habilidades como professora de língua francesa, “bordados e fantasias”, além da indicação do cônsul francês Théodore Taunay, em que ampliava suas especialidades para “dar lições de francês e

gramática, história, geografia e aritmética.” Entretanto, mesmo tendo recebido tais indicações, a requerente teve seu processo indeferido, sem muitas explicações, em 9 de fevereiro de 1861.^{vi}

Já Carolina Zoé Paulina Taulois, *natural da França*, teria outra sorte. Tendo emigrado para o Brasil, acompanhada de seu marido Pierre Taulois, na década de 1820, dirigiu “colégios de educação de meninas tanto na Corte, como em Niterói, Petrópolis e na província do Paraná”. Em 1860, “com 62 anos de idade e moradora à rua do Catete, nº 177”, abriu um processo para obter de *V^a M. Imperial*, a *graça de ser dispensada* dos exames que permitiriam o estabelecimento de um colégio de meninas no Rio de Janeiro. Reforçando esse pedido, o documento fazia inferência ao atestado que fora redigido pelo Cônsul da França, o qual comprovava o estado civil da requerente, que sendo “casada há quarenta e dois anos”^{vii}, poderia utilizar o registro consular para “substituir a certidão de idade que se perdeu na ocasião do naufrágio do navio em que foi com a sua família do Rio de Janeiro a Rio Grande”.^{viii} Tal comprovação, de acordo com o requerimento, pouparia a professora de viajar à França “em tempo conveniente” para obter outro registro.^{ix} A requerente que, dias depois obteve a licença para não cumprir uma das etapas necessárias para a abertura de sua instituição, isto é, sua avaliação, passou por outros trâmites que implicaram, também, a comprovação de sua conduta pelo vigário da freguesia da Glória^x, bem como do subdelegado da região^{xi} e do juiz da 1^a Vara^{xii}. Esses documentos revelam o modo pelo qual os educadores deveriam se submeter para obter o licenciamento para abertura de escolas. Ao contrário do que se imaginou, tal procedimento demandava certa burocracia, devido a uma série de comprovações de comportamento, tempo de estadia na cidade, experiência, estado civil, além da boa reputação.

Um das primeiras instituições de ensino para meninas no Rio de Janeiro, que contou com a cooperação francesa, foi o Colégio da Imaculada Conceição. Ligada à Congregação Filhas da Caridade, ordem religiosa

francesa que se estabeleceu na Corte em 1850, a escola foi inaugurada na cidade, a pedido de D. Pedro II, em 1853, com o objetivo de educar as jovens brasileiras (Cunha, 2006, p. 104). Assim, em dezembro deste mesmo ano, foi formalizado um acordo entre a Associação São Vicente de Paulo, sociedade leiga cujo patrono é São Vicente de Paulo, e as irmãs francesas para lançar as bases educativas dessa instituição. Tal iniciativa, indubitavelmente, revelou o respaldo conferido pelo governo imperial à legação francesa, que pouco depois recorreu à mesma associação para dirigir o orfanato da *Société Bienfaisance Française*.

Conforme anúncio publicado no *Almanak Laemmert*, em 1870, o estabelecimento se localizava à Praia de Botafogo, nº 36, tendo como compromisso uma “educação baseada na religião e moral” (Almanak Laemmert, 1870, p.446). As educandas mantinham-se constantemente sob a guarda de “suas mestras, não somente em seus trabalhos escolásticos e manuais, como também ao se levantar e deitar” (Almanak Laemmert, 1870, p.445), além dos horários de “suas refeições e recreações” (Almanak Laemmert, 1870, p.445). O currículo escolar do Colégio da Imaculada Conceição constava de matérias permanentes, as quais estavam incluídas na mensalidade, e “ramos do ensino pagos em separado” (Almanak Laemmert, 1870, p.445). Em sua formação, as alunas estudavam “doutrina cristã, leitura, escrita, aritmética e gramática” (Almanak Laemmert, 1870, p.445), línguas portuguesa, francesa e inglesa, “Composição literária, Geografia, Cosmografia, Cronologia” (Almanak Laemmert, 1870, p.445), História universal e natural, e *Botânica*. Além disso, a escola oferecia trabalhos manuais, “próprios de uma senhora, como: costura, crochê, trançados, tapeçaria, bordado branco, matiz, ouro e froco, bem como flores de pano, papel, couro, etc.” (Almanak Laemmert, 1870, p.445).

De acordo com os dados levantados pelo recenseamento de 1872, o primeiro esforço oficial de mensuração da população brasileira, o Rio de Janeiro possuía 266.831 habitantes, dos quais 82.279 eram imigrantes (Censo de 1872, IBGE). No tocante ao número de franceses residentes no

Município Neutro, verificou-se que alcançavam a média de 2.884 indivíduos, representando, portanto, 3,42% dos estrangeiros na cidade. Convém destacar, ainda, que tal algarismo projetava este grupo como o 4º mais numeroso entre os estrangeiros na Corte, após os portugueses (66,37%), os africanos escravos (13,02%) e os africanos libertos (8,41%) (Censo de 1872, IBGE). O percentual da população francesa, quando comparado com os lusitanos e o contingente de povos oriundos da África, não era expressivo, porém, como assinalou Frédéric Mauro, a relevância da imigração francesa para o Brasil se deve mais pelo aspecto qualitativo do que pelo quantitativo. Tal fato, segundo o autor, (...) “pode ser explicado de diferentes maneiras, mas uma das razões parece ser o prestígio da cultura francesa; era tal que criava um a priori favorável para qualquer um vindo da França, e o imigrante se beneficiava dessa situação para, rapidamente, se fazer um lugar ao sol”. [...] (Mauro, 1974 *apud*, Lessa & Suppo, 2009, p. 69-70).

Durante a década de 1870, o Brasil vivenciava o florescimento de sua vida cultural e intelectual. Do ponto de vista político, intensificaram-se as críticas à monarquia e à escravidão, de maneira que a resposta dada pelo governo imperial ao quadro de crise se deu pelo incremento à ciência e o incentivo à educação científica. Nesse contexto, vieram para o país, a convite de D. Pedro II, especialistas como o geólogo Louis Agassiz, que esteve à frente de pesquisas nessa área; Emanuel Liais e Louis Cruls, que foram nomeados para dirigirem o Observatório Imperial; Henry Gorceix, que dirigiu a Escola de Minas de Ouro Preto, além de Auguste Daubrée e Arthur Morin, representantes de instituições renomadas francesas (Azevedo, 2003).

A política empreendida pelo imperador ia de encontro aos anseios franceses, em um momento em que o cientificismo era uma das palavras-chaves no discurso de valorização nacional, após a derrota na guerra franco-prussiana, em 1871. Neste caso, a aproximação entre o Brasil e a França, através da cultura científica, foi estratégica para ambos os lados. Se no domínio das ciências a presença francesa nos trópicos fazia parte de

um projeto de civilização (Azevedo, 2003), o campo educacional, por sua vez, também recebeu influência do sistema francês, no tocante à adoção de propostas curriculares, materiais didáticos, bem como de métodos baseados na educação francesa. Dessa maneira, algumas iniciativas, empreendidas por imigrantes franceses neste setor, foram favorecidas por conta da projeção e disseminação cultural francófila.

A evidência da presença francesa nas atividades educacionais ampliou-se nas décadas seguintes. Isabella Gaze (2018, p. 144-145), em trabalho recente, levantou a nacionalidade das professoras que desembarcaram pelo porto do Rio de Janeiro, segundo a base de dados do Arquivo Nacional, entre os anos de 1875 e 1889. A autora identificou a entrada de 23 franceses em um total de 83 educadoras em um conjunto de 12 nacionalidades. Pode-se concluir que esses imigrantes eram predominantes nesse conjunto, atingindo o percentual aproximado de 28% da totalidade seguidos pelos alemães que em número eram 17, significando, portanto, o percentual aproximado 20%; pelas austríacas que eram 16, correspondendo aproximadamente a 19%; e pelas italianas que eram 8, representando 9%.

Na edição do *Almanak Laemmert* de 1870, por exemplo, houve uma expansão no setor educação, verificada através do aumento de anunciantes em relação ao exemplar de 1850. Embora o percentual de professores franceses tenha crescido em 20% no intervalo em que compreende as publicações, quando projetado no quadro geral de educadores ocorre uma diminuição de 5%. Além dessa mudança, foi observada a diversificação das especialidades listadas nessa seção, compreendendo áreas já anunciadas, como: pintura e bordado, idiomas, ciências da natureza, ginástica, dança, música e instrumentos musicais, mas também profissionais em História e Geografia^{xiii}, matérias que passaram a figurar com maior frequência, a partir dessa época como se observa abaixo:

Tabela 2: Professores no Rio de Janeiro por especialidade em 1870

Categorias	Total de profissionais	Franceses	Percentual de Franceses
Professores de dança	11	1	9%
Professores de desenho, pintura, bordados, etc.	16	5	31%
Professor de esgrima e de ginástica	1	0	0
Professores de música e de diversos instrumentos	28	1	3%
Professores de piano e canto	54	10	18%
Professor de várias ciências.	35	6	17%
Professor de várias línguas.	46	13	28%
Total	191	36	19%

Fonte: *Almanak Laemmert*, 1870.

De acordo com a listagem referente aos “Professores de várias línguas”, publicada pelo *Almanak Laemmert* de 1870, havia 46 profissionais que atuavam no ensino de inglês, francês, alemão, latim, português e italiano. Deste conjunto, 13 eram franceses, representando, portanto, o percentual aproximado de 28% dessa área (*Almanak Laemmert*, 1870, p. 484-485). Tal dado revela a demanda que se tinha à época pelo estudo da língua e cultura francesa, saber que era transmitido não só pelos educadores dessa nacionalidade, mas também por brasileiros e demais estrangeiros, a exemplo do Dr. João da Cruz Santos, que dava lições de Francês e Latim, à

Rua Rio Comprido, nº 7 (Almanak Laemmert, 1870, p. 485), como também por Schulze, professor de francês e alemão, Rua de Theresina, nº 4 (Morro de Santa Teresa) (Almanak Laemmert, 1870, p. 485).

Ainda em relação à categoria de professores de idiomas de origem francesa, observou-se que, em comparação à edição do *Almanak Laemmert* de 1850, ocorreu um aumento de 2%. Estes profissionais estavam localizados majoritariamente nas freguesias do centro urbano, alcançando a média de 86%, enquanto que 6% desse grupo se encontrava na região sul da cidade, o mesmo percentual correspondente às áreas mais ao norte e, por fim, havia também o diminuto percentual de 1% que não indicavam a sua localização.

Luiz Antônio Burgain, professor de francês, português, geografia, história e literatura, publicou sua propaganda nas edições de 1850 e 1870 do *Almanak Laemmert*. Seu anúncio despertou a atenção pelo fato de aparecer tanto na seção dedicada aos *Professores de várias línguas* quanto na de *Professores de várias ciências*, e também pelas informações que são veiculadas em seu anúncio, que, para além de suas habilitações, era respaldado pelas obras que por ele foram produzidas, como o *Novo Método Prático e teórico da língua francesa*, o *Novíssimo guia de Conversação com a pronúncia figurada* (Almanak Laemmert, 1870, p. 484), o Livro dos estudantes da língua francesa, Os três fabulistas franceses; o Ensino prático de língua inglesa (Almanak Laemmert, 1870, p. 484), além da criação de um novo método sistematizado em sua obra *Novas lições de geografia sem decorar* (Almanak Laemmert, 1870, p. 484). Além dessas informações, a publicação demonstrava a credibilidade que Burgain tinha nos meios educacionais da Corte, ao destacar que seus livros “eram adotados em diversos estabelecimentos e professores distintos” (Almanak Laemmert, 1870, p. 484), podendo ser encontrados em “Casa Comercial de Eduardo e Henrique Laemmert, na Rua do Ouvidor, nº 68” (Almanak Laemmert, 1870, p. 484). No mesmo anuário, verificou-se que J.J. Augusto Burgain, professor de francês, “lente no Lyceu Minerva, no Retiro Literário

Português e no Colégio Sant' Anna" (Almanak Laemmert, 1870, p. 484), e que também atuava como professor de geografia, e Mlle. Burgain (Almanak Laemmert, 1870, p. 484), professora de francês, de história, geografia, piano e canto, anunciavam, no mesmo endereço de Luiz Antônio Burgain, à Rua da Quitanda, nº 21. Tal fato supõe a existência de um estabelecimento familiar, prática comum no campo da educação na Corte. Reforçando esta ideia, Isabella Gaze (2018, p. 181) considerou que "tratar a instrução e educação da mocidade como um negócio de família era outro atributo importante para atrair a confiança dos responsáveis".

No cruzamento com as informações contidas no *Diário do Rio de Janeiro*, foi observado que Burgain aparece na folha já nos anos de 1830, tendo seu nome associado ao mundo das artes. Atuava nos meios teatrais, fazendo encenar peças de sua autoria em casas de espetáculos como o Teatro São Pedro Alcântara, onde foi representado o drama *O amor de um padre ou a Inquisição em Roma* (*Diário do Rio de Janeiro*, 25/11/ 1844, p. 2)^{xiv} e no de São Januário, *A casa maldita* (*Diário do Rio de Janeiro*, 30/11/1858, p. 4)^{xv}. Embora não se saiba ao certo quando iniciou sua carreira no magistério, notou-se que seus anúncios como professor aparecem apenas nos anos de 1840, portanto, posterior ao período que iniciou sua trajetória como dramaturgo. Seu engajamento com o teatro o levou a fazer parte do Conservatório Dramático, órgão responsável por aprovar ou censurar o material teatral produzido na Corte. Em 18 de junho de 1862, por exemplo, Burgain aprovou o conteúdo da comédia *Sylphide et Berger*^{xvi}.

Quanto aos professores de outras habilitações, verificou-se que, nas áreas destinadas ao ensino de desenho, pintura, bordados, etc., os franceses eram 31% desse conjunto, enquanto na seção destinada às aulas de *Piano e Canto*, os imigrantes de origem francesa correspondiam ao percentual de 18%. No tocante ao aprendizado de dança, de esgrima e ginástica notou-se que não havia representantes dessa nacionalidade.

A. Baguet era o único anunciante francês que apareceu no espaço

dedicado aos professores de música e de diversos instrumentos do almanaque de 1870. Essa seção que constava de 28 inscritos à época refletia a pouca participação francesa nesta área. Baguet, por exemplo, afinava e consertava pianos à Rua da Ajuda, nº 6, atuando também como diretor de orquestra para festas de igreja, bailes e reuniões (Almanak Laemmert, 1870, p. 480).^{xvii} De acordo com o *Diário do Rio de Janeiro*, em 1874, o músico passou a veicular suas propagandas à Rua Gonçalves Dias, nº 56, mas também na Rua Haddock Lobo, nº 37, na freguesia do Engenho Velho (Diário do Rio de Janeiro, 26/10/1874, p. 3).^{xviii}

Se o *Almanak Laemmert* apresentava um panorama geral dos professores franceses, permitindo elevar os números referentes à participação destes imigrantes na área de educação no Rio de Janeiro, na *Série Instrução pública*, dedicada ao *Ensino particular*, foi possível observar maiores informações a respeito de alguns casos de renovação e/ou pedidos de licença de imigrantes de nacionalidade francesa. Augustine E. Catinot que teve autorização expirada para dirigir o seu *Colégio de Meninas*, localizado à Rua do Espírito Santo, nº 2, requereu junto ao órgão um pedido de renovação de sua autorização, em 8 de abril de 1873, recebendo parecer favorável 6 dias depois da petição (AGCRJ Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, 1874, p. 29).^{xix} No mesmo fundo, havia, também, o processo de Joseph Brochard, “natural da França, professor aprovado pelo Conselho da Instrução Pública da Corte em Francês, História e Filosofia, que desejando dirigir um Colégio de Instrução primária e secundária, reivindicou permissão para atuar na Corte”.^{xx}

Havia, porém, na mesma série documental, o pedido de licença de Mademoiselle Viennet dit Bourdin (Marie - Louise), nascida em Dôle, no Departamento do Jura, em 15 de agosto de 1855, que “estava habilitada para lecionar as matérias que constituem a instrução primária e a língua francesa que, submissa e respeitosamente, solicitava à Vossa Majestade Imperial a graça de lhe conceder dispensa das provas de capacidade.”^{xxi} Meses depois da abertura desse recurso, a requerente retirou a solicitação,

desistindo, por sua vez, “*desta pretensão*” (AGCRJ Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, 1874-1878, p.164).^{xxii}

Maria Besnard, por seu turno, “natural de França, idade de 19 anos, achando-se habilitada para lecionar francês, história, geografia e aritmética, como provam os documentos”, que foram anexados em seu processo, pedia “respeitosamente a vossa Majestade Imperial” que a dispensasse “das provas de capacidade para lecionar as mesmas matérias”^{xxiii}, em março de 1877. Para obtenção da licença, a requerente apresentou um certificado de estudos primários, documento escrito pelo próprio punho expressando suas aptidões como aluna mestra e bolsista da Escola Normal de Paris, bem como uma carta de recomendação escrita por Pierre Besnard, pai da professora, comprovando as habilidades de sua filha e outra assinada pelo diretor da escola que frequentou, do mês de junho de 1871 a julho de 1872, em La Varenne, que a qualificava como “aluna muito inteligente”^{xxiv}. O caso de Maria pode ser tomado como um exemplo de quem recebeu formação profissional, segundo o que era prescrito para as jovens moças que buscavam se capacitar.

Durante a década de 1870, a França vivenciava a Terceira República (1870-1940), período em que buscou se reerguer tanto do conflito com a Alemanha quanto da Comuna de Paris. Nesse mesmo período foi nomeado como Ministro da Educação, Jules Ferry, o qual empreendeu um conjunto de medidas que tornavam o ensino francês laico, gratuito e obrigatório. A partir dessas deliberações, a burguesia francesa se favorecia através de um discurso que associava modernidade, progresso e liberalismo. Ao mesmo tempo em que essas realizações vinham sendo operadas, as mulheres passaram a encontrar mais oportunidades neste campo profissional, de modo que a elas cabiam a responsabilidade dos primeiros anos escolares. Ao mesmo tempo, as que se qualificavam e se submetiam a exames pedagógicos, acabavam se destacando, e abriam estabelecimentos de ensino na capital francesa.

Assim, durante a segunda metade do século XIX, surgiram inúmeras instituições educacionais em toda a França, as quais compreendiam colégios e liceus, mas também pensionatos laicos e religiosos. Já no Brasil, a realidade era mais modesta, de modo que constavam 81 anúncios de locais destinados à instrução na Corte (Almanak Laemmert, 1870, pp. 433-452)^{xxv}, segundo o *Almanak Laemmert* de 1870, incluindo espaços voltados para a educação feminina, a exemplo do Colégio de Meninas, localizado à R. do Príncipe do Catete, nº 25, submetido à direção da Sra. Baronesa de Geslin (Almanak Laemmert, 1870, p. 445).^{xxvi} Havia, entretanto, nessa mesma listagem 14 estabelecimentos franceses, os quais ressaltavam em suas inscrições o ensino de língua francesa e portuguesa. Nessa época, as escolas francesas representavam 17% do conjunto dos colégios no Rio de Janeiro, e 82% em relação aos espaços de ensinamento dirigidos por imigrantes. Eram, em sua maioria, voltados para a formação de meninas, correspondendo a 85% das iniciativas dos imigrantes franceses nessa área. Em alguns casos, funcionavam como pensionatos que admitiam meio-pensionistas e externas que desejavam aprender diversas habilidades, que compunham os seguintes domínios: “primeiras letras, ciências, línguas e belas artes”, conforme observado na propaganda do Colégio de Meninas dirigido por Mme. Tanière e Charnay, à Rua do Catete, nº 175 (Almanak Laemmert, 1870, p. 448).^{xxvii}

Conclusão

Por fim, através da documentação consultada verificou-se que o fenômeno migratório e a criação de espaços educacionais franceses no Rio de Janeiro estiveram intimamente ligados. De acordo com o que foi exposto, a influência cultural francesa na educação brasileira se concretizou através da presença efetiva desses imigrantes, que se submetiam ao rigoroso exame aplicado pelas autoridades ligadas à Instrução Pública. Tais profissionais, cujos nomes e anúncios figuraram nas páginas dos jornais e almanaques de grande circulação da época, contribuíram para a

introdução e a consolidação, no Brasil, de métodos e práticas pedagógicas, institucionais e curriculares de matriz europeia. Se na primeira metade do século XIX, foram destacados exemplos de educadores que, por iniciativa própria, buscaram se estabelecer na Corte, a partir da década de 1870, este processo constituiu-se em uma política, baseada no estreitamento das relações culturais entre Brasil e França, que se intensificou durante o período republicano, especialmente em seus três primeiros decênios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, A. N. de. **Da Monarquia à República**. Um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906. 2003. 327f. Tese (Doutorado em História) - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003.
- _____. A Reforma de Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, maio-agosto, 2003.
- BITTENCOURT, Circe Maria. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, v. 32, n. 93, p. 127-149, maio/agosto, 2018. Acessado: 20/2/2019.
- Censo de 1872, IBGE.
- CUNHA, Irmã Lucy. O colégio da Imaculada Conceição. In: **História das Filhas da Caridade da Providência do Rio de Janeiro (1849-2003)**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006, p. 104.
- GAZE, I. P. **Imigração e Instrução no Município da Corte (1854-1889)**. 2018. 326 f. Tese (Doutorado em História). UFF, Niterói, 2018.
- GRILLO, Ana Luiza; FARIA, Lia (org). **Caminhos Da Educação Franco-Brasileira: Memórias e Identidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.
- NEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**. Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- NICOLAU, G. P. **Hasteando a bandeira tricolor em outros cantos: a imigração francesa no Rio de Janeiro (1850-1914)**. 2018. 294 f. Tese (Doutorado em História). UFF, Niterói, 2018.
- VIDAL, Laurent & DE LUCA, Tania Regina. **Franceses no Brasil: séculos XIX-XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- MARTINS, Ismênia de Lima. Os Portugueses e os "outros" no Rio de Janeiro: Relações socioeconômicas dos lusos com os nacionais e demais imigrantes (1890-1920). **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, a. 174 (461):81-104, out./dez. 2013.
- MENEZES, Lená Medeiros de. Francesas no Rio de Janeiro: trabalho, sonhos e ousadias (1816-1822). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia: EDUFU, v. 12, nº 15, p. 61-82, ago/ dez 2004.
- Fontes:**
- Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro:
- Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, 10.4.23
- Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, 12.2.27
- Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, 1854. 12.3.37
- Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, 1876 - 78 ; 1879-1880. 12.4.19

Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, 1874 -1878, p. 97
12.4.20

Fundo Câmara Municipal. Série Ofícios e Profissões (1820-1873). Notação: 47.
1. 47

Fundação Biblioteca Nacional:

Almanak Laemmert (1850), (1870).

Diário do Rio de Janeiro 1844, 1850,
1858, 1874.

Censo de 1872, IBGE.

Notas

- ⁱ Desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, o conceito de *habitus* tem por objetivo apreender o modo pelo qual a sociedade deposita nos indivíduos seu modo de pensar, agir e sentir, além de elaborar as respostas dos agentes sociais às demandas do meio em que estão inseridos. Ver: Bourdieu, P. **Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- ⁱⁱ BR RJ AGCRJ 12.3.37. Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, 1854, p.133.
- ⁱⁱⁱ BR RJ AGCRJ 12.3.37. Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, 1854, p.133.
- ^{iv} BR RJAGCRJ 10.4.23 Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, p. 278-279.
- ^v *Idem*.
- ^{vi} BR RJAGCRJ 12.2.27. Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, p. 97.
- ^{vii} BR RJAGCRJ 12.2.27. Fundo Câmara Municipal. Série Instrução Pública, p. 102
- ^{viii} *Idem*.
- ^{ix} *Idem*.
- ^x *Idem*.
- ^{xi} *Idem*.
- ^{xii} *Idem*.
- ^{xiii} De acordo com Circe Maria Bittencourt, História e Geografia passaram a fazer parte dos currículos de preparatórios para os exames para a admissão às faculdades de Medicina na Corte a partir de 1855. Ver: BITTENCOURT, Circe Maria. "Reflexões sobre o ensino de História". **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, v. 32, n. 93, p. 127-149, maio/agosto 2018. Acessado: 20/02/2019.
- ^{xiv} Theatro Constitucional Fluminense. **Diário do Rio de Janeiro**, 15 de novembro de 1844, ed. 065171, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/094170_01/27382 Acesso em: 09 jun. 2025.
- ^{xv} Theatro de São Januário. **Diário do Rio de Janeiro**, 30 de novembro de 1858, ed. 00319, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/094170_01/46875 Acesso em: 09 jun. 2025.
- ^{xvi} SILVA, Francisco Joaquim Bithencourt da. 1º secretário do Conservatório Dramático Brasileiro. Designação para Luis Antônio Burgain examinar a comédia: *Sylphide et Berger*, a ser encenada no Teatro Alcazar Lírico, Rio de Janeiro, 09/06/1862, 1 doc. (1 p.) O documento no Conservatório recebeu o nº 102 (nº com rasura). Orig. Ms. Imp. Coleção Conservatório Dramático Brasileiro. I-08, 19, 047.
- ^{xvii} Profissões. **Almanak Laemmert**, ano de 1870, ed. 0027, p. 480. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/313394x/31019> Acesso em: 25 mai. 2025.
- ^{xviii} **Diário do Rio de Janeiro**, 26 de outubro de 1874, ed. 00296, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/094170_02/32290 Acesso em: 25 mai. 2025.
- ^{xix} BR AGCRJ 12.4.19 - Fundo Municipal. Série Instrução Pública, 1874, p. 29.
- ^{xx} BR AGCRJ 12.4.20 - Fundo Municipal. Série Instrução Pública, 1874 -1878, p. 145.
- ^{xxi} *Idem*, p. 164.

^{xxii} *Idem Ibidem.*

^{xxiii} BR AGCRJ 12.4.19 – Fundo Municipal- Série Instrução Pública - 1876-78; 1879-1880, p. 28.

^{xxiv} BR AGCRJ 12.4.19 – Fundo Municipal- Série Instrução Pública- 1876-78; 1879-1880, p. 28-29.

^{xxv} **Almanak Laemmert**, ano de 1870, ed. 00027, p. 433-452.

^{xxvi} Collegio de Meninas. Francês e

Português. **Almanak Laemmert**, ano de 1870, ed. 00027, p. 445. Disponível em :

<http://memoria.bn.gov.br/DocReader/313394x/30984> Acesso em: 25 mai. 2025.

^{xxvii} Collegio de meninas. Francês, português, inglês e alemão. **Almanak Laemmert**, ano de 1870, ed. 00027, p. 448. Disponível em:

<http://memoria.bn.gov.br/DocReader/313394x/30987> Acesso em: 25 mai. 2025.